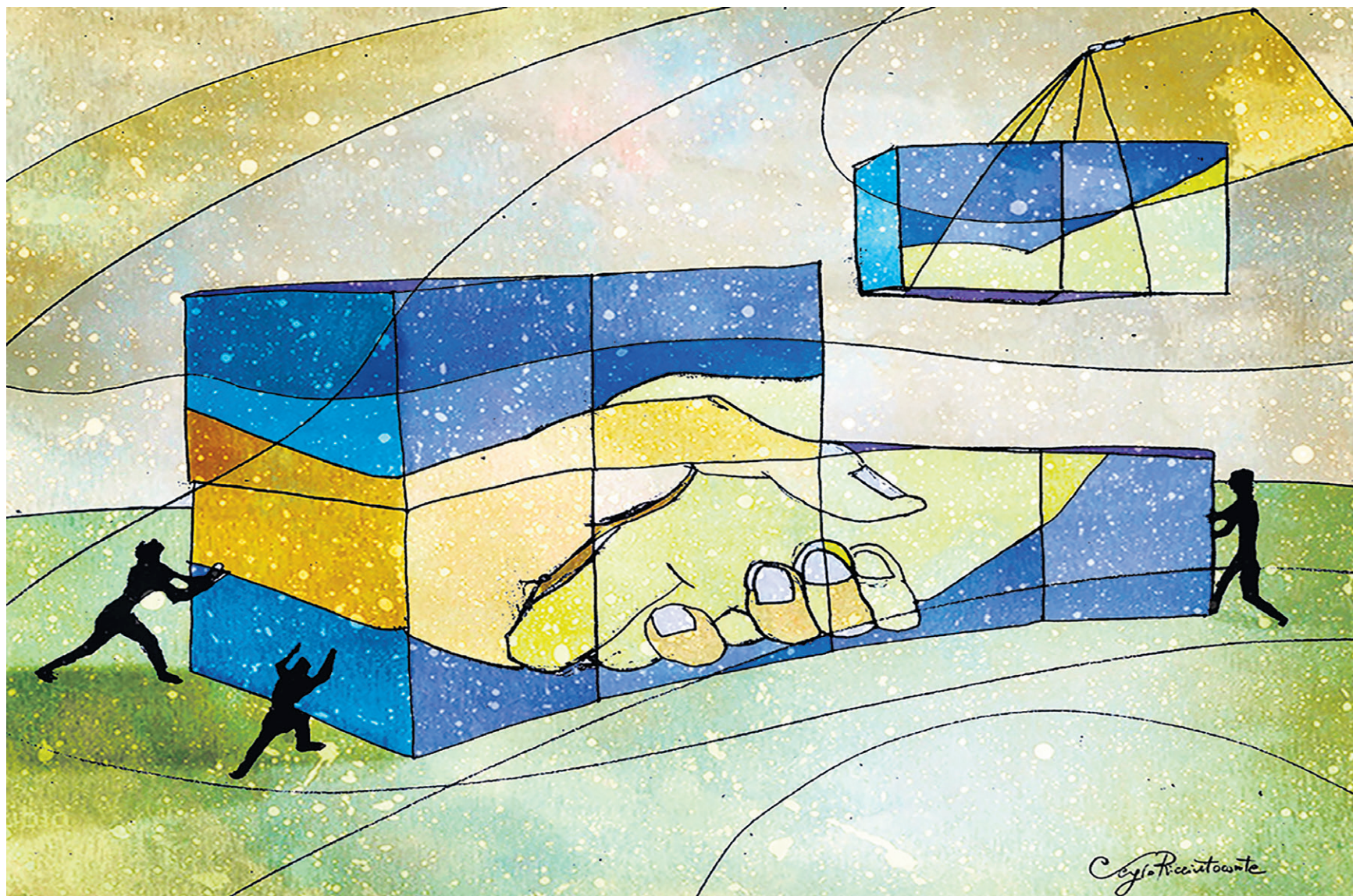


CADERNO ESPECIAL

Fé e Cidadania

Edição 01
9 de novembro de 2022



Arte: Sergio Ricciuti Conte

Uma sociedade dividida precisa de cura

Núcleo Fé e Cultura

O povo brasileiro sai particularmente fraturado das últimas eleições – e a fratura, antes de causar escândalo, indica a necessidade de uma cura. Sendo assim, nós nos vimos chamados a publicar este primeiro Caderno Fé e Cidadania (um projeto que pensávamos iniciar só em 2023) sobre o tema da reconciliação diante dos conflitos ideológicos e partidários, à luz da Doutrina Social da Igreja.

É forçoso reconhecer que somos uma sociedade magoada e ressentida com a política. O fisiologismo e o corporativismo, a defesa dos próprios interesses em lugar do bem comum, as decisões autocráticas e as interpretações criativas do próprio arcabouço legal da nação geram desgosto, indignação e revolta. Se analisarmos a história recente do País, veremos que tanto a esquerda quanto a direita, sem excluir o próprio centro, deram e têm motivos para esse ressentimento. Todo o espectro político-ideológico é, simultaneamente, causador e vítima desse fenômeno. Sendo assim, é compreensível que nos separemos em várias posições, nenhuma delas conseguindo se impor hegemonicamente sobre as demais. O problema é que essa pluralidade vem acompanhada de sentimentos negativos, agressividade e intransigência, impedindo o reconhecimento de alguns pontos em comum mínimos que sustentem um projeto compartilhado de futuro, absolu-

tamente necessário para o desenvolvimento integral das pessoas e da sociedade como um todo.

Antes de sairmos numa busca frenética por culpados, precisamos curar as feridas causadas por essa divisão, encontrarmos a posição justa diante dos problemas, sermos capazes de dialogar com os amigos que pensam diferente – buscando não tanto uma concordância total, mas pelo menos o reconhecimento de alguns pontos fundamentais em comum. A Igreja, lembra São João Paulo II, na exortação apostólica *Reconciliatio et Paenitentia*, tem o dever de ajudar a reconciliação nas sociedades divididas, mas para isso tem ela mesma que se reconciliar internamente. Nesse documento, publicado há 38 anos, o papa polonês apresenta as raízes da divisão no coração do ser humano, mostrando os caminhos pessoais e comunitários para uma justa reconciliação. Sendo assim, não poderíamos deixar de apresentar alguns trechos desse documento neste Caderno.

Em vários trechos da *Fratelli tutti*, também retomada neste Caderno, o Papa Francisco fala de percursos para a reconciliação e o perdão, de uma “arquitetura” da paz, a ser realizada por governos e instituições da sociedade, e de um “artesanato” da paz, que implica o compromisso pessoal de cada um de nós. Francisco nos lembra de que a verdadei-

ra paz não esquece dos conflitos, nem procura atuar como se eles não tivessem existido, mas os supera na experiência do perdão e no diálogo.

Mas como podemos praticar o perdão e buscar o diálogo quando nosso coração está inquieto, magoado e ressentido, até mesmo cheio de raiva? Ana Lydia Sawaya, monja camaldulense do Mosteiro da Encarnação, nos apresenta a experiência religiosa da pessoa pacificada pela confiança em Deus. Mostra que o cristão consciente da ação de Deus na história se descobre sereno e tranquilo, podendo tornar-se protagonista de processos de perdão e reconciliação, capaz de viver a política sem desespero, e sim com uma justa esperança.

Por fim, contamos com a contribuição do Padre Leonel Narváez, colombiano, ganhador da Menção Honrosa do Prêmio Unesco de Educação para a Paz. Com as Escolas de Perdão e Reconciliação, Padre Leonel desenvolve um intenso trabalho de pacificação em seu país, até hoje vítima dos intensos conflitos armados deflagrados desde a década de 1960. Neste difícil contexto, aprendemos que a verdade é uma pré-condição para que a justiça e o perdão aconteçam, num verdadeiro caminho de cura tanto das pessoas vitimadas quanto das comunidades e sociedades fraturadas pelo conflito.

São João Paulo II e a reconciliação: tarefa e compromisso da Igreja

Redação

O olhar do pastor descobre, infelizmente, entre diversas características do mundo e da humanidade do nosso tempo, a existência de numerosas, profundas e dolorosas divisões [...] Na raiz das rupturas não é difícil identificar conflitos que, em vez de serem resolvidos mediante o diálogo, se agudizam no confronto e na oposição [...]

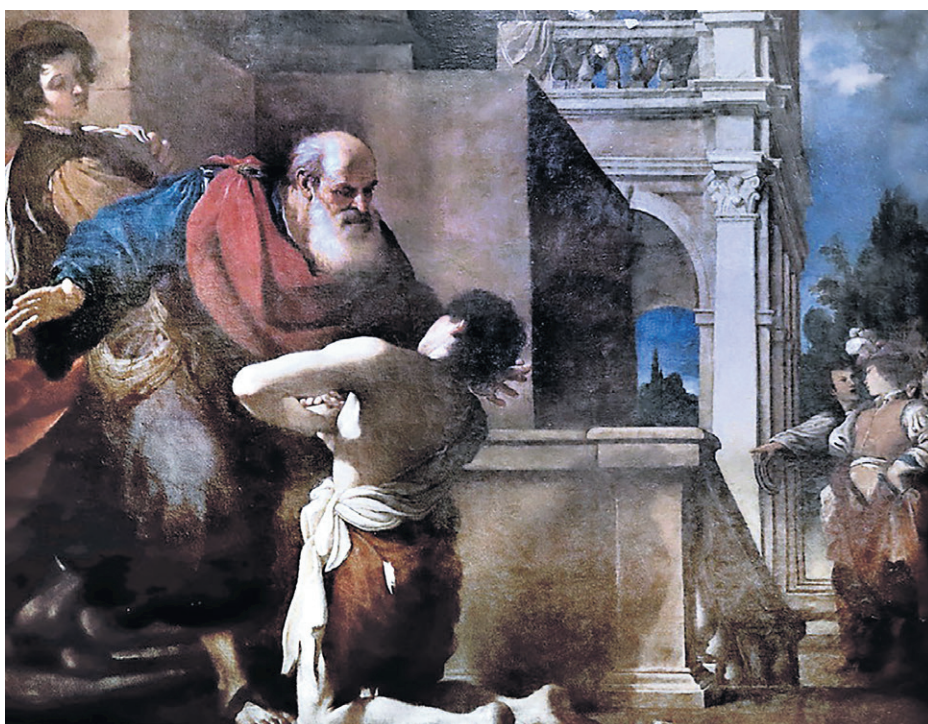
Uma vez que a Igreja, sem se identificar com o mundo nem ser dele, está inserida nele e está em diálogo com ele, não é de admirar que se notem na sua própria estrutura repercussões e sinais da divisão que dilacera a sociedade humana. Para além das cisões entre as comunidades cristãs que há séculos a contristam, a Igreja experimenta hoje, no seu seio, aqui e além, divisões entre as suas próprias componentes, causadas pela diversidade de pontos de vista e de escolhas, no campo doutrinal e pastoral. Também essas divisões podem, por vezes, parecer irremediáveis.

Por mais impressionantes que se apresentem tais lacerações à primeira vista, só as observando em profundidade se consegue individuar a sua raiz: esta encontra-se numa ferida no íntimo do homem. À luz da fé chamamos-lhe pecado, começando pelo pecado original, que cada um traz consigo desde o nascimento, como uma herança recebida dos primeiros pais, até aos pecados que cada um comete, abusando da própria liberdade.

Nostalgia de reconciliação. O mesmo olhar indagador, se é suficientemente perspicaz, captará no seio da divisão um desejo inconfundível, da parte dos homens de boa vontade e dos verdadeiros cristãos, de recompor as fraturas, de cicatrizar as lacerações e de instaurar, a todos os níveis, uma unidade essencial. Esse desejo comporta, em muitos casos, uma verdadeira nostalgia de reconciliação, mesmo quando não é usada tal palavra [...] A aspiração a uma reconciliação sincera e consistente é, sem sombra de dúvida, um móbil fundamental da nossa sociedade, como que reflexo de um irreprimível desejo de paz; e é-o tão vigorosamente — por mais paradoxal que pareça — quanto mais perigosos são os próprios fatores de divisão.

A reconciliação torna-se necessária porque se deu a ruptura do pecado, da qual derivaram todas as outras formas de ruptura no íntimo do homem e à sua volta. A reconciliação, portanto, para ser total, exige necessariamente a libertação do pecado, rejeitado nas suas raízes mais profundas. Por isso, há uma estreita ligação interna, que une conversão e reconciliação: é impossível dissociar as duas

*A exortação apostólica pós-sinodal **Reconciliatio et Paenitentia**, de São João Paulo II, publicada em 1984, em sua Primeira parte, “Conversão e reconciliação: tarefa e compromisso da Igreja” trata de forma ampla da divisão que o pecado traz tanto ao coração do ser humano quanto à sociedade – e, evidentemente, ao perdão e à reconciliação trazidos ao mundo por meio de Jesus Cristo. A seguir, trazemos alguns trechos dessa Primeira Parte da exortação, particularmente apropriados para a reflexão num momento de grande divisão social*



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/mazanto/33913713456>

O pai, o filho pródigo e o filho invejoso. Imagem: GUERCINO. O retorno do filho pródigo.

realidades, ou falar de uma sem falar da outra [...]

“O filho pródigo”, uma parábola de reconciliação. O homem, cada um dos homens, é este filho pródigo: fascinado pela tentação de se separar do Pai para viver de modo independente a própria existência; caído na tentação; desiludido do nada que, como miragem, o tinha deslumbrado; sozinho, desonrado e explorado no momento em que tenta construir um mundo só para si; atormentado, mesmo no mais profundo da própria miséria, pelo desejo de voltar à comunhão com o Pai. Como o pai da parábola, Deus fica à espreita do regresso do filho, abraça-o à sua chegada e põe a mesa para o banquete do novo encontro, com que se festeja a reconciliação.

O que nesta parábola sobressai mais é o acolhimento festivo e amoroso do pai ao filho que regressa: imagem da misericórdia de Deus sempre pronto a perdoar. Asentemos desde já nisto: a reconciliação é principalmente um dom do Pai Celeste.

Mas a parábola faz entrar em cena também o irmão mais velho, que recusa ocupar o seu lugar no banquete. Reprova ao irmão mais novo os seus extravios e ao pai o acolhimento que

lhe dispensou, enquanto a ele, morigerado e trabalhador, fiel ao pai e à casa, nunca foi permitido — diz ele — fazer uma festa com os amigos. Sinal de que não compreende a bondade do pai. Enquanto este irmão, demasiado seguro de si mesmo e dos próprios méritos, ciumento e desdenhoso, cheio de azedume e de raiva, não se converteu e se reconciliou com o pai e com o irmão, o banquete ainda não era, no sentido pleno, a festa do encontro e do convívio recuperado.

O homem — cada um dos homens — é também este irmão mais velho. O egoísmo torna-o ciumento, endurece-lhe o coração, cega-o e leva-o a fechar-se aos outros e a Deus. A benignidade e a misericórdia do pai irritam-no e incomodam-no; a felicidade do irmão reencontrado tem um sabor amargo para ele. Também sob este aspecto ele precisa se converter para se reconciliar [...]

À luz desta inesgotável parábola da misericórdia que apaga o pecado, a Igreja, acolhendo o apelo que nela está contido, compreende a sua missão de empenhar-se, seguindo as pegadas do Senhor, pela conversão dos corações e pela reconciliação dos homens com Deus e entre si, duas realidades que estão intimamente conexas [...]

A Igreja reconciliadora e reconciliada. Como dizia São Leão Magno, ao falar da paixão de Cristo, “tudo aquilo que o Filho de Deus fez e ensinou para a reconciliação do mundo, nós não o conhecemos somente pela história das suas ações passadas, mas sentimo-lo, também, na eficácia do que Ele realiza no presente” [...] Em íntima conexão com a missão de Cristo, a missão da Igreja, assaz rica e complexa, pode, portanto, resumir-se na tarefa, central para ela, da reconciliação do homem: com Deus, consigo mesmo, com os irmãos e com toda a Criação [...]

Os caminhos [para a reconciliação] são exatamente os da conversão do coração e da vitória sobre o pecado, seja ele o egoísmo ou a injustiça, a prepotência ou a exploração de outrem, o apego aos bens materiais ou a busca desenfreada do prazer. Os meios são os da fiel e amorosa escuta da Palavra de Deus, da oração pessoal e comunitária e, sobretudo, dos sacramentos, verdadeiros sinais e instrumentos de reconciliação, entre os quais sobressai, precisamente sob este aspecto, aquele a que, com razão, costumamos chamar o sacramento da Reconciliação ou da Penitência [...]

A Igreja, para ser reconciliadora, deve começar por ser uma Igreja reconciliada. Nessa expressão simples e linear está subjacente a convicção de que a Igreja, para anunciar e propor de modo cada vez mais eficaz ao mundo a reconciliação, deve tornar-se cada vez mais uma comunidade (ainda que fosse o “pequeno rebanho” dos primeiros tempos) de discípulos de Cristo, unidos no empenho em se converterem continuamente ao Senhor e em viverem como homens novos no espírito e na prática da reconciliação.

Perante os nossos contemporâneos, tão sensíveis à prova dos testemunhos concretos de vida, a Igreja é chamada a dar o exemplo da reconciliação, antes de mais no seu interior; e para isso, todos devemos esforçar-nos por apaziguar os ânimos, moderar as tensões, superar as divisões, sanar as feridas eventualmente infligidas entre irmãos, quando se agudiza o contraste entre opções no campo do opinável, e procurar, de preferência, estar unidos naquilo que é essencial para a fé e a vida cristã, segundo a antiga máxima: *In dubiis libertas, in necessariis unitas, in omnibus caritas* (liberdade naquilo que é duvidoso, unidade no que é necessário e caridade em todas as coisas) [...]

Em qualquer caso, a Igreja promove uma reconciliação na verdade, pois sabe bem que não são possíveis nem a reconciliação nem a unidade, fora ou contra a verdade.

Papa Francisco propõe percursos para um novo encontro

Redação

Em muitas partes do mundo, fazem falta percursos de paz que levem a cicatrizar as feridas, há necessidade de artesãos de paz prontos a gerar, com inventiva e ousadia, processos de cura e de um novo encontro [...]

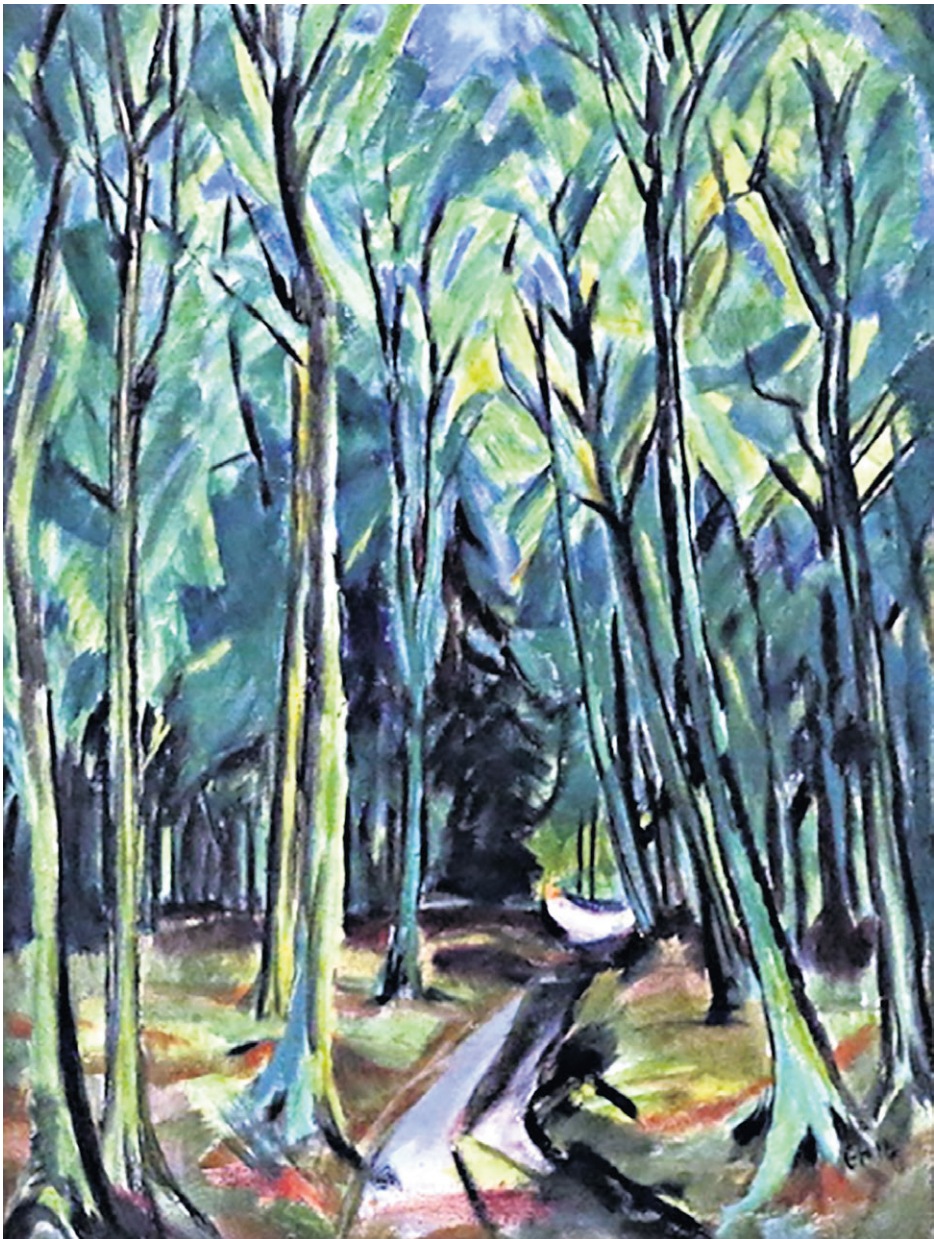
Recomeçar a partir da verdade. Novo encontro não significa voltar ao período anterior aos conflitos. Com o tempo, todos mudamos. A tribulação e os confrontos transformaram-nos [...] A verdade é uma companheira inseparável da justiça e da misericórdia. Se, por um lado, são essenciais – as três todas juntas – para construir a paz, por outro, cada uma delas impede que as restantes sejam adulteradas [...] De fato, a verdade não deve levar à vingança, mas antes à reconciliação e ao perdão [...]

A arquitetura e o artesanato da paz. [...] É preciso procurar identificar bem os problemas que atravessa uma sociedade, para aceitar que existem diferentes maneiras de encarar as dificuldades e resolvê-las. O caminho para uma melhor convivência implica sempre reconhecer a possibilidade de que o outro contribua com uma perspectiva legítima, pelo menos em parte, algo que possa ser recuperado, mesmo que se tenha equivocado ou se tenha agido mal, porque o outro nunca há de ser circunscrito àquilo que pôde ter dito ou feito, mas deve ser considerado pela promessa que traz em si mesmo, uma promessa que deixa sempre um lampejo de esperança.

Como ensinaram os **bispos da África do Sul**, a verdadeira reconciliação alcança-se de maneira proativa, “formando uma nova sociedade baseada no serviço aos outros, e não no desejo de dominar; uma sociedade baseada na partilha do que se possui com os outros, e não na luta egoísta de cada um pela maior riqueza possível; uma sociedade na qual o valor de estar juntos como seres humanos é, em última análise, mais importante do que qualquer grupo menor, seja ele a família, a nação, a etnia ou a cultura”. E os **bispos da Coreia do Sul** destacaram que uma verdadeira paz “só se pode alcançar quando lutamos pela justiça por meio do diálogo, buscando a reconciliação e o desenvolvimento mútuo”.

O árduo esforço por superar o que nos divide, sem perder a identidade de cada um, pressupõe que em todos permaneça vivo um sentimento basilar de pertença [...] Nas famílias, todos contribuem para o projeto comum, todos trabalham para o bem comum, mas sem anular o indivíduo; pelo contrário, sustentam-no, promovem-no. Podem brigar entre si, mas há algo que não se move: este laço familiar. As brigas de família tornam-se reconciliações mais tarde. As alegrias

Apresentamos a seguir trechos do Capítulo VII da Encíclica Fratelli tutti, do Papa Francisco, publicada em 2020, que nos ajudam particularmente a caminhar rumo à reconciliação de uma sociedade fraturada, à luz de uma cultura do encontro.



Erich HECKEL, E. Caminho na floresta.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/mazanto/2165440551>

e as penas de cada um são assumidas por todos. Isto sim é ser família! Oh, se pudéssemos conseguir ver o adversário político ou o vizinho de casa com os mesmos olhos com que vemos os filhos, esposas, maridos, pais ou mães, como seria bom!” (**Discurso no encontro com a sociedade civil na visita ao Equador**).

[...] Mas os processos efetivos de uma paz duradoura são, antes de tudo, transformações artesanais realizadas pelos povos, nos quais cada pessoa pode ser um fermento eficaz com o seu estilo de vida diária [...] Existe uma “arquitetura” da paz, na qual intervêm as várias instituições da sociedade, cada uma dentro de sua competência, mas há também um “artesanato” da paz que nos envolve a todos [...]

Sobretudo com os últimos. A promoção da amizade social implica não só a aproximação entre grupos sociais distanciados a partir de um período conflituoso da história, mas também a busca de um renovado encontro

com os setores mais pobres e vulneráveis [...] Aqueles que pretendem pacificar uma sociedade não devem esquecer que a desigualdade e a falta de desenvolvimento humano integral impedem que se gere a paz [...]

O valor e o significado do perdão. Alguns preferem não falar de reconciliação, porque pensam que o conflito, a violência e as rupturas fazem parte do funcionamento normal de uma sociedade [...] Outros defendem que dar lugar ao perdão equivale a ceder o espaço próprio para que outros dominem a situação [...] Outros consideram que a reconciliação seja empreendimento de fracos, que não são capazes de um diálogo em profundidade e, por isso optam por escapar dos problemas escondendo as injustiças [...]

O perdão e a reconciliação são temas de grande relevo no Cristianismo e, com várias modalidades, em outras religiões. O risco reside em não entender adequadamente as convicções dos crentes e apresentá-las de tal modo que acabem por alimentar

o fatalismo, a inércia ou a injustiça, e, por outro lado, a intolerância e a violência [...]

As comunidades primitivas, imersas num mundo pagão repleto de corrupção e aberrações, viviam animadas por um sentido de paciência, tolerância, compreensão. A esse respeito, são muito claros alguns textos: convida-se a corrigir os adversários “com suavidade” (2 Tim 2, 25); ou exorta-se a “que não digam mal de ninguém, nem sejam conflituosos, mas sejam afáveis, mostrando sempre amabilidade para com todos os homens. Pois também nós éramos outrora insensatos” (Tít 3, 2-3). O livro dos Atos dos Apóstolos mostra que os discípulos, perseguidos por algumas autoridades, “tinham a simpatia de todo o povo” (At 2, 47; cf. At 4, 21-33; At 5, 13).

Entretanto, ao refletirmos sobre o perdão, a paz e a concórdia social, deparamo-nos com um texto de Jesus Cristo que nos surpreende: “Não penseis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer a paz, mas a espada. Porque vim separar o filho do seu pai, a filha da sua mãe e a nora da sua sogra; de tal modo que os inimigos do homem serão os seus familiares” (Mt 10, 34-36). É importante situá-lo no contexto do capítulo em que está inserido. Aqui vê-se claramente que o tema em questão é o da fidelidade à própria opção, sem ter vergonha, ainda que isso traga contrariedades e mesmo que os entes queridos se oponham a tal opção [...]

A verdadeira superação. A verdadeira reconciliação não escapa do conflito, mas alcança-se dentro do conflito, superando-o por meio do diálogo e de negociações transparentes, sinceras e pacientes. A luta entre diferentes setores, “quando livre de inimizades e ódio mútuo, transforma-se pouco a pouco numa concorrência honesta, fundada no amor da justiça” (**Quadragesimo anno**, QA 114).

Várias vezes propus “um princípio que é indispensável para construir a amizade social: a unidade é superior ao conflito [...] Não é apostar no sincretismo ou na absorção de um no outro, mas na resolução num plano superior que preserve em si as preciosas potencialidades das polaridades em contraste” (**Evangelii gaudium**, EG 228) [...]

Perdão sem esquecimentos. Aqueles que perdoam de verdade não esquecem, mas renunciam a deixar-se dominar pela mesma força destruidora que os lesou. Quebram o círculo vicioso, frenam o avanço das forças da destruição [...] O perdão é precisamente o que permite buscar a justiça sem cair no círculo vicioso da vingança nem na injustiça do esquecimento [...]

Para haver perdão e reconciliação é preciso olhar para algo maior

Ana Lydia Sawaya*

Duas retas diferentes e paralelas nunca se cruzarão, porém, duas retas diferentes, mas inclinadas uma para a outra, se encontrarão. Onde? Num ponto mais alto. Assim é a reconciliação. O encontro entre duas diferenças só pode ocorrer quando ambas olham para um ponto mais alto do que o momento ou a circunstância atual – que une as duas retas ontologicamente. Reconciliação e perdão verdadeiros não nascem da boa vontade e da generosidade (embora ambas possam ajudar). Necessitam de uma outra coisa, maior e mais magnânima do que a vontade humana, que dificilmente consegue ultrapassar a barreira do voluntarismo.

Nas desavenças entre pessoas, onde estaria o ponto de inflexão e unidade? Na dimensão existencial, mais do que na intelectual ou na moral. Estamos unidos porque somos seres humanos, somos criaturas, amados por Deus e em nós habita e, se deixarmos, age o Espírito.

É nossa condição ontológica que nos reúne. É olhar para o alto, para a nossa origem que nos coloca juntos. O diálogo é possível porque pensamos, sentimos e falamos; mesmo



Fonte: <https://www.vimaorthodoxias.gr/>

Um mergulho na espiritualidade monástica pode nos ajudar a encontrar a serenidade necessária para enfrentar os grandes desafios sociais, culturais e políticos de nossa sociedade

que com linguagem, sensibilidade e história de vida diferentes. O pensar, o sentir e o falar nascem do ser e não do agir. Quem consegue compreender essa realidade, é capaz de ter um mínimo de paz no coração e a serenidade necessária para poder observar com mais atenção o pensar, o sentir e o falar do outro (antes de enfurecer-se...).

Mas o que permite essa paz no coração e essa serenidade? Para os antigos monges, a *amerimnia* – não ter preocupações excessivas, não ser dominado por preocupações de controle sobre as coisas ou os outros. Se somos todos seres humanos e todos estamos de passagem nesta vida, essa certeza retira de nós a ânsia de querer controlar, de se iludir que o mundo

depende de nós. Essa condição pobre e justa impele-nos a entregar a Deus cada preocupação. Em consequência, não somos mais dominados pela rivalidade com alguém, pelos defeitos dos outros, pela ânsia de salvar o mundo.... Eu e ele não estamos de passagem?

Cada ser humano vê um ângulo diferente, que lhe é próprio, e nenhum ser humano tem a visão do todo. Ninguém pode se arvorar a dizer “a verdade está comigo” ou “só eu tenho a verdade”. A visão mais ampla e, portanto, mais realista, será sempre a que abraçar, o melhor possível, os diferentes ângulos existentes na realidade. Por isso, a política será sempre a arte do diálogo entre diferentes, do equilíbrio de forças contrastantes e não do domínio de uns sobre os outros.

O cristão é chamado a dar-se conta e a contar para os outros sobre a senhoria de Deus na história; a não ser que esse cristão pense que Deus está dormindo... Se pensar assim, iludido, irá acreditar que a realidade depende dele...

* Monja beneditina camaldolense do Mosteiro da Encarnação, Mogi das Cruzes, São Paulo. Foi professora da UNIFESP, com doutorado em Nutrição na Universidade de Cambridge, e pesquisadora visitante do MIT.

Quatro passos para superar a divisão e buscar a reconciliação

Leonel Narváez*

A reconciliação em uma sociedade fraturada, seja por conflitos armados ou conflitos ideológicos, deve garantir pelo menos quatro componentes: verdade, justiça, reparação e acordos de não repetição. Vamos falar sobre a verdade. Reconhecer uma verdade grupal maior que as muitas opiniões individuais é um esforço que cura o tecido social ao gerar confiança, que é o ingrediente mais significativo nos processos de reconciliação. A verdade maior abre caminho para a justiça restaurativa e a reparação. Chega-se a essa verdade (que nunca é definitiva, sempre pode e deve ser aprimorada) por meio do diálogo compartilhado em torno das quatro “lógicas da verdade”: dos acontecimentos, dos significados, da superação e da cura.

No exercício em grupo sobre a lógica dos acontecimentos, aqueles que se propõem ao diálogo respondem à pergunta: o que de fato aconteceu? Procuram descrever o que realmente aconteceu ou está acontecendo, fazendo um esforço para distinguir eventos reais de eventos imaginários ou notícias falsas. Além de descrever o ocorrido, buscam também identificar quem está sendo vitimizado, quem está resistindo às dificuldades, quais direitos estão sendo violados.

A lógica dos significados responde à pergunta: quais sentidos esses eventos têm? Trata-se de discernir e interpretar

O que as comunidades e as sociedades devem fazer para superar as divisões, buscar a reconciliação e viver uma experiência de fraternidade – mesmo quando enfrentam divergências ideológicas? Na Colômbia, país marcado por graves conflitos armados nas últimas seis décadas, as Es.Pe.Re – Escolas de Perdão e Reconciliação – desenvolveram uma metodologia baseada nas “quatro lógicas da verdade”: a lógica dos acontecimentos, a lógica da significados, a lógica da superação e a lógica da cura (em espanhol, quatro “S”: Sucesos, Significados, Superación e Sanación). Essas “lógicas” podem guiar o diálogo entre aqueles que, partindo de posições antagônicas, realmente desejam chegar a um entendimento mútuo. Pedimos ao fundador do Es.Pe.Re, Pwadre Leonel Narváez Gómez, que nos explicasse essa metodologia

por que as coisas estão acontecendo de uma forma ou de outra, o que causou esses eventos, quais são suas contradições internas e suas consequências. Nesta fase, é importante compreender, também em nível pessoal, quais os princípios que foram violados, como cada indivíduo foi afetado, em que medida se sentiu ameaçado. Tudo isso deve servir para construir uma consciência crítica dos eventos e de seu significado.

A lógica da superação responde à pergunta: como superar essa situação? Procura reconhecer quem deve assumir a responsabilidade e quais as ações que podemos tomar, comprometendo-

-nos a transformar situações de conflito e divisão para que não voltem a acontecer. Reconhecer causas, contradições e consequências dos conflitos deve motivar ações transformadoras que resgatem ideais compartilhados, acordos de respeito mútuo e responsabilidades coletivas, que permitam a recuperação tanto da vida comunitária quanto do tecido social, além de contribuir para a construção do bem comum.

Por fim, a lógica da cura responde à pergunta: como curar as feridas internas que esses eventos nos deixam? A resposta deve nos ajudar a tomar decisões pessoais que possam restaurar a confiança e restaurar os laços interpes-

soais. A cura convida a uma virada narrativa, em que a memória de conflitos e ressentimentos pode ser remobilizada para uma “verdade que cura”, pelo qual cada um reconhece sua responsabilidade pessoal e coletiva, assume o compromisso de buscar a renúncia de conflitos e promover transformações para que as razões que levaram às divisões conflituosas não se repitam.

Para percorrer esse caminho, é preciso tomar posição, lembrando sempre que buscar a verdade é lutar contra o silêncio imposto por medos, esquecimentos, mentiras, indiferenças e ignorâncias. Além disso, buscamos a verdade não apenas para reestabelecer a própria dignidade e garantir direitos, mas buscando sanar e restaurar mágoas e ressentimentos, em nós e nos demais, em nível tanto individual quanto comunitário.

Esses processos de busca da verdade são profundamente transformadores quando, posteriormente, pessoas e grupos humanos conseguem realizar exercícios de perdão, entendidos no mais básico, como uma virada narrativa da raiva, do ódio e da urgência da vingança para a compaixão-misericórdia.

* Sacerdote, Missionário da Consolata (IMC), colombiano e fundador-presidente da Fundação para a Reconciliação. Criador das Escolas de Perdão e Reconciliação (Es.Pe.Re). Ganador do Prêmio Unesco Educação para a Paz - Menção Honrosa.